

Por uma releitura das nominalizações em infinitivo do português

Maurício Resende*

Resumo

Morfólogos consideram, em geral, que existem três operações derivacionais para transformar verbos em nomes em português, a saber, sufixação, afixação zero e derivação regressiva. Adicionalmente, este trabalho assume a existência de um quarto processo, a nominalização infinitiva — $[ligar]_V \rightarrow [ligar]_N$ — *O ligar das máquinas é a etapa menos complicada*. A hipótese é a de que formas nominais infinitivas em português se assemelham aos gerúndios nominais do inglês (CHOMSKY, 1970; SPENCER, 1991; BRINTON, 1995). Essa comparação é possível em razão de as operações que formam infinitivos e gerúndios nominais serem regulares, fonológica, morfológica, sintática e semanticamente, além de ambas estarem disponíveis para qualquer verbo. Além disso, esse quarto processo derivacional se distancia da formação de nomes por afixação zero a partir de formas de infinitivo, já lexicalizadas na língua, como *dever* e *jantar* (BASILIO, 1987), assim como ocorre em inglês para nomes gerúndios, por exemplo, *building* e *drawing* (BRINTON, 1995).

Palavras-chave: nominalização infinitiva, nominalização gerúndiva, afixação zero

Abstract

Morphologists usually acknowledge the existence of three derivational operations responsible for converting nouns into verbs in Portuguese, namely, suffixation, zero affixation and backward formation. In addition to these operations, this squib assumes the existence of a fourth process, the infinitive nominalization — $[ligar]_V \rightarrow [ligar]_N$ (“turn something on”) — *O ligar das máquinas é a etapa menos complicada* (roughly, “the turning on of the machines is the least complicated step”). The hypothesis is that infinitive nominals in Portuguese resemble gerundive nominals in English (CHOMSKY, 1970; SPENCER, 1991;

*Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP. Doutorando em linguística do Programa de Linguística, e-mail: mauricio.resende@hotmail.com. Agradeço ao CNPq pelo financiamento da pesquisa e também aos pareceristas anônimos que contribuíram para o formato final deste texto, ainda que nem todas as sugestões puderam ser contempladas. Qualquer problema que tenha permanecido é de minha inteira responsabilidade.

BRINTON, 1995). This comparison is possible because both operations are phonologically, morphologically, syntactically, and semantically regular, and are ultimately available to any verb. Moreover, this fourth process is distinct from zero affixation, which derives lexicalized nominals such as *dever* and *jantar* from infinitive verbs (BASILIO, 1987). The same occurs in English with certain lexicalized gerundive nominals, such as *building* and *drawing* (BRINTON, 1995).

Keywords: infinitive nominals, gerundive nominals, zero affixation

1 Introdução

Tradicionalmente, o termo nominalização tem aparecido na literatura para fazer referência à operação morfológica que transforma verbos em nomes. Não há um consenso a respeito de qual é o conjunto de processos morfológicos responsáveis pela nominalização em português. Apesar disso, com alguma variação, a depender do quadro teórico em que se inscrevem, linguistas e gramáticos concordam que é possível formar nomes a partir de verbos por sufixação, afixação zero (ou conversão) e derivação regressiva (ou regressão).¹ Exemplos desses processos podem ser observados,² respectivamente, em (1):³

- (1) a. [pensar]_V/[pensamento]_N
 [realizar]_V/[realização]_N
 [fechar]_V/[fechadura]_N
- b. [jantar]_{INF}/[jantar]_N
 [orientando]_{GER}/[orientando]_N
 [pedido]_{PART}/[pedido]_N
- c. [falar]_V/[fala]_N
 [cortar]_V/[corte]_N
 [beijar]_V/[beijo]_N

As nominalizações infinitivas aparecem, normalmente, como instâncias de afixação zero, como em (1b) acima. Outros exemplos clássicos são nomes como *dever*, *poder*, *saber*, *jan-*

¹Há um impasse terminológico para a tradução de certos termos/expressões dos fenômenos discutidos neste trabalho. Adotaram-se aqueles mais difundidos na literatura sobre o tema.

²Nas glosas, V: verbo; N: nome; INF: infinitivo; GER: gerúndio; PART: particípio.

³Spencer (1991) esclarece que esses termos não são sinônimos, pois se baseiam em abordagens de cunho morfológico distintas. A *conversão* considera o morfema como um processo não fonológico, em que um verbo se transforma em nome, como uma reetiquetagem no léxico. No que se refere à *afixação zero*, o autor toma o morfema como uma unidade que contém uma forma e um significado mínimos e diz respeito a um afixo, fonologicamente nulo, que é adjungido a um verbo para formar, por exemplo, um nome.

tar.⁴ Este trabalho tem o objetivo de discutir a existência de um quarto processo derivacional formador de nomes deverbais em português, qual seja, a nominalização infinitiva que deriva nomes. Esses termos, à primeira vista, apresentam a mesma forma de seus respectivos verbos derivantes no infinitivo, mas de uma maneira muito mais produtiva do que os escassos exemplos listados nas gramáticas levam a crer, sendo possível afirmar inclusive que se trata de outro processo derivacional, como pode ser observado em (2).

- (2) a. $[ligar]_V \rightarrow [pensar]_N$
O ligar das máquinas é a etapa menos complicada.
- b. $[escrever]_V \rightarrow [escrever]_N$
O escrever da tese foi o que tomou mais tempo.
- c. $[sentir]_V \rightarrow [sentir]_N$
O sentir-se sozinho é o que mais desanima as pessoa.
- d. $[repor]_V \rightarrow [repor]_N$
O repor das aulas vai mais ou menos até janeiro.

Dentro desse tópico, discutiremos os processos derivacionais e transformacionais e as nominalizações gerundivas em inglês e em português. Além disso, questões pertinentes às nominalizações infinitivas e às nominalizações derivadas.

2 Processos derivacionais *versus* processos transformacionais

Este estudo parte da ideia de que, em português, há um processo morfológico produtivo e sistemático que forma nomes com a forma de infinitivo da mesma maneira que, em inglês, há uma operação derivacional que gera nomes com a forma de gerúndio (CHOMSKY, 1970; SPENCER, 1991; BRINTON, 1995). A respeito disso, Chomsky (1970) entende que existem três tipos de nominalização no inglês, a saber, a nominalização derivada, a nominalização gerundiva e a nominalização mista.

As nominalizações derivadas — como *movement* ‘movimento’ e *love* ‘amor’ — são aquelas que resultam de processos derivacionais e se opõem às nominalizações gerundivas — *moving* ‘mover.GER’ e *loving* ‘amar.GER’ — que são, para Chomsky (1970), resultado de transformações sintáticas da mesma maneira que ocorreria com as construções passivas. Para o autor, as nominalizações gerundivas parecem compartilhar certo número de propriedades verbais, ao passo que as nominalizações derivadas se comportam como verdadeiros nomes. Adi-

⁴Alguns trabalhos consideram, ainda, que nomes pluralícios (que só aparecem na forma plural), tais como *viveres* e *afazeres*, sejam derivados das formas infinitivas de seus respectivos verbos, *viver* e *(a)fazer*.

cionalmente, as nominalizações mistas, ainda que apareçam na forma de gerúndio, parecem emparelhar-se melhor com as formas nominais. Exemplos desses três tipos de nominalização podem ser observados em (3) — (a) para nominalização derivada, (b) para nominalização gerundiva e (c) para nominalização mista (Cf. Chomsky, 1970, p. 60).⁵

- (3) a. John's refusal of the offer.
João.GEN recusa de a oferta.
'A recusa da oferta por João.'
- b. John's refusing the offer.
João.GEN recusar.GER a oferta.
'João recusar a oferta.'
- c. John's refusing of the offer.
João.GEN recusar.GER de a oferta.
'O recusar da oferta por João.'

Brinton (1995) entende que uma nominalização derivada no inglês, como exemplificado em (3a), é formada ou por sufixação, ou por afixação zero. No que tange às nominalizações gerundivas, Chomsky (1970) defende que formas como (3b) resultam de transformações sintáticas de suas formas verbais e, portanto, assemelham-se muito aos verbos. Diferentemente, para o autor, o dado em (3c) apresenta comportamento misto, ou seja, ainda que igualmente apresente propriedades verbais, é resultado de um processo derivacional — as quais podem ser atribuídas características nominais.

A ideia de que esses processos morfológicos do inglês têm operações correspondentes em português pode ser ilustrada por (4), em que aparecem as formas equivalentes.

- (4) a. A recusa da oferta (por João).
b. João recusar a oferta.
c. O recusar da oferta (por João).

A inexistência, em português, da construção com genitivo possessivo (cuja estrutura no inglês pode ser realizada com 's) provoca alterações de outra natureza, tais como a possibilidade de realizar o agente como um adjunto, por meio de um sintagma-*por* em (4a) e (4c);⁶ quanto a (4b), o agente aparece precedendo a forma infinitiva (figurando como agente do verbo, embora não como sujeito). Nem sempre é fácil perceber que em (4b) se está diante de uma nominalização, todavia, Basilio (1987) atenta para o fato de que a inclusão de uma palavra

⁵Nas glosas, GEN: genitivo.

⁶Adger (2003) levanta a hipótese de que isso se dá porque a preposição *of* (e no caso do português, *de*) não introduz agentes nesse tipo de estrutura, devido a restrições semânticas impostas pela Hierarquia de Atribuição de Papel Temático. Porém, essa é uma ideia que ainda precisa ser explorada para o português.

em uma determinada classe deve levar em conta tanto propriedades distribucionais (isto é, em que posições essas palavras podem ocorrer) quanto funcionais — ou seja, quais funções tal vocábulo pode exercer na estrutura oracional.

Assim, pode-se entender a forma infinitiva recusar em (4b) como um nome, já que pode ser considerada o núcleo do sujeito da sentença (5) por exemplo. Além disso, a forma de infinitivo — que vem sendo tratada pela tradição como uma das formas nominais do verbo — aparece desprovida de desinências de tempo, modo e aspecto (propriedades prototipicamente verbais). É nesse sentido, então, que estamos nos referindo a João como agente e, como sujeito sintático propriamente.

(5) [João recusar a oferta] foi uma grande indelicadeza.

De todo modo, como Chomsky (1970) observa, mesmo que se trate de uma nominalização, ou seja, de um sintagma que exerce uma função tipicamente atribuída a nominais, ela apresenta propriedades eminentemente verbais, tais como: agramaticalidade provocada pela presença de determinante, como em (6a); incompatibilidade com adjetivos como em (6b) — embora apresente compatibilidade com advérbios, como em (6c) — e a má formação da sentença causada pela ocorrência da preposição antes do tema do verbo, como em (6d).

- (6) a. * O recusar a oferta.
b. * João recusar imediato a oferta.
c. João recusar imediatamente a oferta.
d. *João recusar da oferta.

O ponto principal da discussão de Chomsky (dentro do que interessa a esta análise) é que as nominalizações gerundivas resultam de operações de movimentos sintáticos — assim como as construções passivas, conforme já mencionado — (ou seja, processos transformacionais), ao passo que as nominalizações derivadas ocorrem em algum componente da gramática que é anterior à sintaxe (o que posteriormente foi definido como Léxico). Adicionalmente, as nominalizações mistas, ainda que apresentassem a mesma forma das nominalizações gerundivas, possuíam um comportamento mais semelhante às nominalizações derivadas e, portanto, sua formação seria igualmente pré-sintática (isto é, tratava-se, segundo Chomsky, de um processo derivacional e não transformacional).

Pondo de lado esses casos, o emparelhamento da nominalização infinitiva em português com as nominalizações gerundivas do inglês, foco deste trabalho, deve lidar também com um problema adicional, que é a natureza do infinitivo nominal, dada a possibilidade de ocorrerem formas como as dispostas em (7), com infinitivo flexionado — em que o exemplo (5) aparece

reescrito em (7a).⁷

- (7) a. João *recusar* a oferta foi uma grande indelicadeza.
 b. Os meninos *recusarem* a oferta foi uma grande indelicadeza.
 c. Nós *recusarmos* a oferta foi uma grande indelicadeza.

De todo modo, como observaram Chomsky (1970) e Spencer (1991), esse tipo de nominalização apresenta, conforme dito anteriormente, um comportamento muito mais verbal do que nominal. Dessa maneira, o presente trabalho entende que esses nominais infinitivos, assim como os nominais gerundivos em inglês, consistem de processos que envolvem transformações sintáticas — em detrimento de operações morfológicas derivacionais. Como o objetivo deste trabalho é discutir processos morfológicos derivacionais, a nominalização resultante de transformações sintáticas não será contemplada em nossa análise.

3 Nominalizações gerundivas em inglês e em português

À primeira vista, retomando os exemplos em (4), parece-nos que as nominalizações derivadas (do tipo de *a realização do sonho*) e as nominalizações mistas (como *o recusar da oferta*) compartilham um maior número de propriedades em razão da ocorrência do determinante e da preposição. Convém examinar de maneira mais detalhada, porém, o comportamento dessas nominalizações para verificar tanto o seu estatuto derivacional quanto o de nominal misto.

Como já referido, as nominalizações mistas do inglês são entendidas como resultado de uma operação derivacional formadora de palavras. Para Brinton (1995), tal operação se dá por meio do acréscimo do sufixo *-ing* à base verbal — como em (8) em que se atribui o título de nominalização gerundiva aos exemplos devido ao dispositivo nominalizador ser o mesmo que aparece na formação do gerúndio verbal. De modo análogo, o título de nominalização infinitiva para o português provém da possibilidade de formar nomes mediante a adjunção de dispositivos nominalizadores, que apresentam a mesma forma do infinitivo nas bases verbais, como ilustra (9).

- (8) a. $[love]_V + -ing \rightarrow [loving]_N$ ‘amar’
 b. $[put]_V + -ing \rightarrow [putting]_N$ ‘colocar’
 c. $[be]_V + -ing \rightarrow [being]_N$ ‘ser/estar’
 d. $[kiss]_V + -ing \rightarrow [kissing]_N$ ‘beijar’

⁷Por questões de escopo, este estudo não aprofunda a natureza desse infinitivo, carecendo de maiores explicações em trabalhos futuros.

- (9) a. $[ama]_V + -r \rightarrow [amar]_N$
b. $[come]_V + -r \rightarrow [comer]_N$
c. $[dormi]_V + -r \rightarrow [dormir]_N$
d. $[compo]_V + -r \rightarrow [compor]_N$

Paralelamente a esse tipo de processo derivacional, cumpre notar que existem, na verdade, nomes com forma gerundiva também em português; porém, o paralelo existente com os nominais gerundivos do inglês é melhor estabelecido, em português, com as nominalizações infinitivas

Resende (2016) chama a atenção para o fato de que existem nominais em gerúndio, em português, tais como *orientando*, *formando*, *graduando* e *doutorando* a partir de formas de gerúndio dos seus respectivos verbos. Para o autor, as nominalizações em gerúndio do português têm sua produtividade aparentemente restrita a um mesmo campo semântico e não se comportam da mesma maneira que as nominalizações gerundivas do inglês, tanto pelo fato de que não estão disponíveis para qualquer verbo, quanto pelo fato de que, a rigor, os nominais gerundivos do inglês denotam *ato de X*, ao passo que, em português, a leitura disparada é a de *agente de X* (ou paciente, no caso de *orientando*).

Este trabalho advoga em favor de uma releitura das nominalizações infinitivas do português. A ideia é basicamente a de que, ao lado das nominalizações derivadas, existem outros dois tipos de nominalização em infinitivo: as *nominalizações gerundivas*, que apresentam mais semelhanças com verbos — e que resultam de transformações sintáticas, sendo, portanto, não derivacionais — e as *nominalizações mistas*, que têm um comportamento mais condizente com a classe dos nomes e que são resultado de um processo derivacional.

Como já mencionado, as nominalizações gerundivas não aparecem mais contempladas neste estudo, porque o interesse desta análise recai sobre as nominalizações resultantes de operações derivacionais, isto é, as derivadas e as mistas — nos termos de Chomsky (1970). A partir disso, examinamos se existe um emparelhamento entre essas duas classes de nominais formadas via derivação. Para tanto, ambas são submetidas à aplicação de testes: um fonológico, um morfológico, dois sintáticos e um semântico. Adicionalmente, o resultado desses testes deve confirmar ou negar o caráter misto desse tipo de nominal em português. Finalmente, o termo *nominalização mista* aparece substituído por *nominalização infinitiva*, para que o nominal seja rotulado pelo seu dispositivo nominalizador e reflita seu real comportamento, segundo supomos.

4 Nominalizações infinitivas e nominalizações derivadas

No que diz respeito à morfologia, Chomsky (1970, p. 40) ressalta que as nominalizações derivadas possuem dispositivos nominalizadores que são imprevisíveis, isto é, a princípio não é possível determinar a forma que um dado nome deverbal vai assumir atentando apenas para o verbo base. Além disso, como observa Spencer (1991), a derivação desses nominais envolve frequentemente alomorfa drástica e/ou supleção.

Alternativamente, as nominalizações gerundivas são sempre transparentes do ponto de vista morfofonológico e estão, em última análise, disponíveis para qualquer verbo do inglês. O mesmo parece ser observado para o português com relação às nominalizações infinitivas em questão.⁸ Assim, se, por um lado, as nominalizações derivadas são imprevisíveis quanto ao recurso nominalizador empregado — como em (10) — e envolvem com frequência alterações morfofonológicas — vistas em (11), por outro, as nominalizações em infinitivo são processos transparentes, produtivos e sistemáticos, conforme (12).⁹

- (10) a. [envelhecer]_V → [envelhecimento]_{N/*} [envelheceção]_{N/*} [envelhece]_N.
 b. [modernizar]_V → [modernização]_{N/*} [modernizamento]_{N/*} [moderniza]_N.
- (11) a. [discutir]_V → [discussão]_{N/*} [discutição]_N.
 b. [prometer]_V → [promessa]_{N/*} [prometa]_N.
- (12) a. [derrubar as árvores]_{DP}.
 [mover a caixa]_{DP}.
 [cantar o hino]_{DP}.
 b. o [derrubar]_N das árvores.
 o [mover]_N da caixa.
 o [cantar]_N do hino.

A partir de (12b), é possível concluir que a produtividade e a sistematicidade das nominalizações em infinitivo independem de existirem nominalizações derivadas para os mesmos verbos derivantes. Por exemplo, formam-se nominais infinitivos a partir (12a) ainda que já existam nomes como [derrubada]_N, [movimento]_N e [canto]_N (entre outros nomes deverbais) para as respectivas bases verbais.

Com relação à fonologia, uma característica consensualmente reconhecida do português brasileiro — e que não depende do dialeto ou do estrato social — é a possibilidade de realizar

⁸Cf. Brito (2012) para uma discussão das propriedades das nominalizações infinitivas no português europeu.

⁹Ainda que trabalhos mais recentes tenham mostrado que os sufixos podem apresentar compatibilidade semântica com algumas bases, mas não com outras e que, igualmente, diferentes dispositivos de nominalização podem denotar diferentes leituras, sobretudo aspectuais (Cf. Lemle (2002) entre outros).

o apagamento do rótico em coda silábica nos infinitivos verbais (cuja grafia assume sempre a presença de um *-r*)¹⁰, ou seja, uma sentença como *O Pedro vai jantar com a Maria*, por exemplo, pode ter o verbo no infinitivo pronunciado como /jaN'ta/ — ao lado de /jaN'tar/. Diferentemente, como afirma Resende (2016), esse apagamento não parece estar disponível para os nomes infinitivos, isto é, para sentenças como *O jantar estava maravilhoso*, há uma forte tendência para a pronúncia do rótico.¹¹

Tal restrição a esse apagamento fonológico, parece se estender a todas as nominalizações infinitivas, já que mover a caixa, com pronúncia /move/ é possível, mas *o mover da caixa*, com o apagamento do segmento da coda não o é: **o move da caixa*. Isso também se aplica aos pares *derrubar as árvores/o derrubar das árvores* e *cantar o hino/o cantar do hino*, mostrando que a possibilidade de realização ou não do rótico é uma propriedade da categoria e não puramente da forma de infinitivo.

No que concerne à sintaxe, como já mostrado, as nominalizações em infinitivo que resultam de transformações sintáticas apresentam comportamento prototipicamente verbal diante de determinação e modificação. De modo diverso, as nominalizações em infinitivo, deduzidas de processo derivacional, combinam-se bem com artigos, assim como os nominais derivados — como observado em (13) e (14).

(13) a. O [movimento]_N dos braços.

b. A [narração]_N dos fatos.

(14) a. O [mover]_N dos braços.

b. O [narrar]_N dos fatos.

No que concerne aos recursos modificadores do predicado (mais especificamente do núcleo do predicado), consideram-se os pares de exemplos em (15), (16) e (17).

(15) a. O [movimento]_N brusco dos braços.

b. A [queda]_N repentina do corpo.

(16) a. O [mover]_N brusco dos braços.

b. O [cair]_N repentino do corpo.

(17) a. *O [mover]_N bruscamente dos braços.

b. O [cair]_N repentinamente do corpo.

¹⁰Exceções dessa generalização são o verbo *vir* — */vi/ —, que conta com pronúncia variante /viM/, e o verbo *pôr* — */po/ — e seus derivados — *compor*, *depor*, *repor*, *supor*, *impor* etc.

¹¹Pelo menos para a maioria dos dialetos do português brasileiro.

Ao observarmos o contraste entre (16) e (17), pode-se afirmar que as nominalizações infinitivas são semelhantes às nominalizações derivadas em (15), já que dizem respeito às nominalizações que aceitam apenas adjetivos como modificadores (e não advérbios). Sendo assim, com base nesse teste, é possível hipotetizar que os nominais infinitivos apresentam comportamento prototipicamente atribuído aos nomes e, por consequência, se mostram divergentes com estruturas de modificação verbal, o que é uma evidência para atestar a efetiva mudança de categoria.

Finalmente, lança-se mão de um teste semântico para que seja examinado o comportamento dos nominais infinitivos nos quatro níveis de análise. Segundo observa Chomsky (1970), o significado das nominalizações gerundivas do inglês é sempre derivável composicionalmente a partir do significado do verbo derivante. Para Spencer (1991) é, inclusive, equivocado afirmar que a nominalização gerundiva tem um significado diferente do seu respectivo verbo. Diferentemente, nominalizações derivadas (como aquelas que envolvem a adição de sufixos) exibem significados adicionais ao sentido do verbo que lhes dá origem.

O mesmo comportamento semântico parece se verificar no domínio nominal do português. A rigor, parece que as nominalizações infinitivas têm sempre um significado regular, derivado, composicionalmente, do seu respectivo verbo, que poderia, a princípio, ser definido como uma referência à situação verbal em andamento expressa pelo significado base do verbo, isto é, *o derrubar das árvores* refere-se ao processo em andamento de derrubar as árvores. Da mesma forma, *o cair do avião* faz referência à queda, como processo durativo do evento de cair.

Spencer (1991) faz menção ao fato de que alguma nuance aspectual pode estar envolvida nesse processo de nominalização. A respeito disso, Brinton (1995) mostrou que as nominalizações gerundivas em inglês denotam processos durativos e que o emprego de uma nominalização em gerúndio dispara uma leitura atélica mesmo para eventos télicos (como visto no contraste *a queda/o cair*). De todo modo, essa é uma relação que precisará ser explorada em português.

Ademais, é fato que o significado das nominalizações derivadas diante de seus respectivos verbos não é regular e tampouco apresenta um percurso semântico derivacional transparente (talvez pela influência que o sufixo pode exercer sobre a interpretação que o nome deverbal recebe). Exemplos disso são nomes como *ferida* — que denota o estado resultante de *ferir* —, *declaração* — que pode tanto se referir ao instrumento pelo qual se declara alguma coisa, ao ato de declarar ou ainda ao objeto resultante de *declarar* — e *envio*, que só faz referência ao ato de enviar.

Com base nessas asserções, é possível concluir que as nominalizações em infinitivo apresentam um comportamento distinto das nominalizações derivadas e que, em termos semânticos, apresentam mais semelhanças com verbos do que com nomes. Uma saída plausível para afir-

mar o caráter (mais) nominal dessas nominalizações seria propor que esse processo derivacional regular só gera nomes com interpretação verbal (e de aspecto imperfectivo). De todo modo, tal formalização escaparia muito dos objetivos do presente trabalho.

5 Considerações finais

Este estudo advogou em favor da existência de um quarto processo derivacional de nominalização deverbal, a saber, a nominalização infinitiva, que forma nomes por meio de um recurso nominalizador que, por seu turno, apresenta a mesma forma da terminação do infinitivo. Tal processo distancia-se das nominalizações que podem exercer funções frequentemente atribuídas a nomes (tais como sujeito etc.), mas que são resultado de transformações sintáticas (e não de processos derivacionais) como em *recusar a oferta foi uma grande indelicadeza*.

Pondo de lado esses casos, a nominalização infinitiva apresentou comportamento bastante distinto das nominalizações ditas prototípicas, sobretudo por sua regularidade fonológica, morfológica, sintática e semântica, conforme os testes apresentados. Ademais, diferentemente do que ocorre em inglês, as nominalizações infinitivas não parecem apresentar um comportamento misto entre verbos e nomes.

A partir dos testes propostos, notou-se que o seu comportamento foi exclusivamente nominal, a menos que o seu aspecto semântico unicamente verbal seja entendido como um traço de verbo. Essas questões ainda merecem uma sistematização mais detalhada.

Finalmente, cabe tecer alguns breves comentários em favor da ideia de que o processo de nominalização que analisamos não é o mesmo que forma nomes do tipo de *dever, poder, jantar* etc. A ideia de que tais nomes não são formados pela mesma operação reside, primeiramente, no fato de que essas nominalizações são idiossincráticas do ponto de vista semântico e que apresentam comportamento sintático idêntico às outras nominalizações derivadas.

Em segundo lugar, e talvez com maior importância, em razão de as nominalizações infinitivas estarem disponíveis, em última análise, para qualquer verbo independentemente de já existirem outras nominalizações derivadas para a mesma base verbal, ou seja, pode-se formar *o cantar* independentemente de já existir *o canto*, e igualmente forma-se *o arrastar* mesmo que não haja outra nominalização disponível para o verbo *arrastar*.

Nos casos de *jantar, dever, poder*, entre outros, como já observado por Basilio (1987), a nominalização derivada apresenta a forma de infinitivo, mas não existem outras nominalizações derivadas disponíveis para esses verbos, ou seja, a forma em infinitivo é a única forma nominal para essa classe, entendida como fruto de afixação zero — assim como Brinton (1995) mostra ser o caso de nomes em inglês, como *bulding (prédio)* e *drawing (desenho)*.

Por fim, o vislumbre desse quarto tipo de nominalização deve investigar — assim como no caso das nominalizações infinitivas resultantes de transformações sintáticas — a natureza da

forma de infinitivo que aparece nos nominais, sobretudo diante de infinitivos como *zombarem* em (18) (HOLANDA, 1936, p. 148).¹²

(18) O *zombarem* de certos abusos desse nosso apego aos diminutivos.

A possibilidade de nominalizações infinitivas como (18), diante da ocorrência do infinitivo flexionado, constitui evidência em favor de caráter misto dessas nominalizações (já que esse tipo de recurso flexional é normalmente atestado para verbos).

Assim, com base nessas evidências, este trabalho atentou para a existência de um quarto processo derivacional formador de palavras, deixando, todavia, espaço para a exploração das consequências morfológicas, sintáticas e semânticas da postulação de tal processo.

Referências

- ADGER, D. *Core Syntax*. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- BASILIO, M. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1987.
- BRINTON, L. J. The Aktionsart of deverbal nouns in English. In: BERTINETTO, P. M.; BIANCHI, V.; HIGGINBOTHAM, J.; SQUARTINI, M. (Eds.). *Temporal reference, aspect and acionality*. Tormo: Rosenberg & Sellier. p. 27-45, 1995.
- BRITO, A. M. A nominalização do infinitivo no português europeu: aspectos sintáticos e semânticos. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGUÍSTICA, 2012, LISBOA. *Textos selecionados...* Lisboa: APL. p. 88-120. 2012.
- CHOMSKY, N. Remarks on nominalization. In: JACOBS, R.; ROSENBAUM, P. (Eds.). *Readings in English transformational grammar*. The Hague: Mouton. p. 184-221. 1970.
- HOLANDA, S. B. (1936) *Ratzes do Brasil*. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.
- LEMLE, M. Sufixos em verbos: onde estão e o que fazem. *Letras*. Curitiba. n. 58. p. 279-324. jul./dez. 2002.
- RESENDE, M. S. *Derivação regressiva e construções com verbos leves: um estudo sobre aspecto lexical*. 124f. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.
- SPENCER, A. *Morphological theory: an introduction to word structure in generative grammar*. Cambridge: Blackwell, 1991.

Squib recebido em 8 de setembro de 2016.

Squib aceito em 23 de setembro de 2016.

¹²Exemplo sugerido por Maria Cristina Figueiredo Silva.